



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO
LATO SENSU
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA – PCL**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA
PSICANALÍTICA
2011-2013**

Coordenadora: Profa. Dra. Terezinha de Camargo Viana

Apresentado por: Maria Carolina da Costa Braga

Orientado por: Prof. Dr. Luiz Augusto Monnerat Celes

BRASÍLIA, 2013

**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO CONCEITO DE
VERLEUGNUNG COMO DISPOSITIVO ARCAICO**

Apresentado por: Maria Carolina da Costa Braga

Orientado por: Prof. Dr. Luiz Augusto Monnerat Celes

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO CONCEITO DE *VERLEUGNUNG* COMO DISPOSITIVO ARCAICO

RESUMO

O presente texto tem como objetivo apresentar algumas reflexões a respeito do conceito freudiano de *Verleugnung* traduzida para o português como desmentido, recusa (da realidade) ou renegação, no sentido de que tal construto, para além de um mecanismo presente nos casos de fetichismo, seria um dispositivo arcaico vinculado ao processo de formação do Eu que atua como mecanismo constitutivo do sujeito. Tendo como ponto de partida os textos *Fetichismo* (1927) e *A cisão do Eu e os processos de defesa* (1938) buscamos apreender algumas compreensões sobre o conceito, especificamente no que se refere à questão da crença apresentada por Octave Manonni na construção frasal “Eu sei..., mas mesmo assim” e da perspectiva apresentada por Luiz Claudio Figueiredo, que enraizada na experiência clínica, discute a questão do mecanismo de *Verleugnung* como defesa básica da constituição normal do psiquismo. As reflexões acerca da presença desse mecanismo não apenas nos pacientes perversos ou psicóticos, mas também nos neuróticos, ajuda a pensar sobre o modo como um dispositivo inicialmente sintetizado para dar conta de situações patológicas pode revelar traços e características desconhecidas de processos e comportamentos ditos “normais”.

Palavras-chave: psicanálise, recusa da realidade, fetichismo, formação do Eu.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to present some reflections concerning the Freudian concept of *Verleugnung*, usually translated as *démenti*, denial (of reality) or denegation, in the sense that, other than being a mechanism present in cases of fetishism, it would be an archaic apparatus related to the process of formation of the Ego, which is constitutive of the subject itself. From texts such as *Fetishism* (1927) and *The split of the Ego in Defense Processes* (1938), we try to grasp some understanding regarding the concept, specifically in its relation to the issue of belief, as discussed by Octave Manonni in the phrase “I know..., but still”, and also from the perspective recommended by Luiz Claudio Figueiredo, which, deeply rooted in a clinical experience, suggests *Verleugnung* as a basic defense mechanism in the normal constitution of psyche. The reflections concerning the presence of such mechanism not only is cases of perversion or psychosis, but also in neurosis, help to think about how an apparatus initially conceived to explain pathological situations can reveal traits and previously unknown characters of processes and behaviors considered “normal”.

Keywords: psychoanalysis, denial of reality, fetishism, formation of the Ego.

O tema do fetichismo aparece de maneira esporádica em diversos momentos da obra freudiana, como, por exemplo, *Três ensaios sobre a teoria sexual* (1905), *Delírios e sonhos de Gradiva de Jensen* (1907), *Uma lembrança de Infância de Leonardo da Vinci* (1911), e no capítulo XXII das *Conferências introdutórias* (1916). No entanto, é no texto intitulado *Fetichismo* (1927) que Freud tece considerações mais demoradas sobre o assunto, e no qual é possível perceber sua tentativa de dar um novo estatuto conceitual ao termo *Verleugnung* (recusa ou desmentido).

Freud dará início ao texto de 1927 trazendo considerações acerca de sua observação de certo número de homens por ele analisados, cuja escolha de objeto era dominada por um fetiche. Ele nota logo um elemento clínico interessante: a razão pela qual estas pessoas buscaram atendimento não era exatamente por causa de suas escolhas fetichistas, uma vez que raramente a questão do fetiche seria sentida como sofrimento ou anormalidade, era antes apresentada como uma questão secundária, revelada pelo processo analítico.

Ainda que Freud ressalte no texto que não se propõe a escrever sobre sua análise dos casos, expondo pormenores referentes, por exemplo, à maneira como determinadas circunstâncias na vida do paciente determinam sua escolha fetichista, ele apresenta um único fragmento clínico no qual a precondição ao fetiche se estabeleceu por “um brilho no nariz” que a mulher deveria ter para se configurar como objeto de desejo do indivíduo em questão. Na sua construção fetichista, não se tratava especificamente do brilho – que Freud dirá ter sido incluído por ele durante a formação do fetiche –, mas sim do próprio nariz. A origem dessa construção estava relacionada à língua materna do paciente (o inglês), considerando que o mesmo tivera uma educação inglesa antes de ir para a Alemanha, e que o “Glanz auf der Nase” era, na verdade,

“glance” (olhar). Assim, para além da proposição “um brilho no nariz” encontra-se na verdade a assertiva “um olhar dirigido para o nariz”.

Freud irá apontar que o paciente “empresta” um brilho particular no nariz à mulher amada, que ele sabe ser imperceptível aos outros. Assim a operação fetichista se estabelece não apenas pelo gozo que depende do investimento libidinal num objeto, neste caso o nariz, que é reduzido à condição de sustentação de um traço atributivo, no caso o brilho, mas irá se estabelecer pela maneira como este objeto é eleito como objeto de desejo. O que Freud irá defender é que um objeto é elevado à condição de objeto de desejo na medida em que a partir de uma via associativa ele é vinculado às fantasias inconscientes construídas com as primeiras experiências infantis.

Ainda nesse texto, Freud irá propor que o fetiche é um mecanismo de defesa contra a castração. Portanto, há um movimento de substituição, no qual um objeto vem a substituir um pênis de grande significação para a criança: o pênis materno. Dessa forma, trata-se da crença no pênis materno, em cuja existência a criança acreditou e à qual não renunciou completamente.

Até certa idade, a criança vive a experiência de primado do falo, a fantasia de que sua mãe é um ser completo, sem falta, e ele é o objeto de sua plenitude, portanto, é o falo da mãe. Ao deparar-se com a castração desta, há um horror experimentado pela criança. Para Freud, a descoberta da diferença sexual pelo menino inaugura a vivência da denominada angústia de castração, em razão da percepção de que se “eu tenho”, posso “perder”, e, portanto, ele irá encontrar um modo de se defender dessa angústia. Ou seja, o que serve de fundamento para um sistema de crenças estaria se esvaindo.

No caso do fetichismo, o menino se recusa a tomar conhecimento da percepção de que a mulher não tem um pênis, porque conclui que, se a mulher é

castrada, então, seu próprio pênis encontra-se em perigo, e contra isso seu narcisismo se rebela. Dessa forma, há uma ameaça à integridade narcísica de seu corpo libidinal, daí Freud afirmar que:

Nota-se que o horror à castração levou o fetichista a erguer – por meio da criação deste substituto – um monumento que não deixa esse horror ser esquecido e convoca com maior intensidade ainda esse interesse antes voltado para o pênis. Ademais, um estranhamento (*Entfremdung*) perante os órgãos genitais femininos reais está presente em todo fetichista e permanece como um *stigma indelebile* do recalque ocorrido. Portanto, agora fica claro o que o fetiche é capaz de realizar e o que o mantém ativo. Ele permanece como indício do triunfo sobre a ameaça de castração e como uma proteção contra ela. (Freud, (1927/2007), p.163)

Portanto, diante desse horror à castração da mãe, é como se o sujeito “retornasse” a sua percepção imediatamente anterior à de ter se deparado com o genital da mulher adulta, de modo que qualquer objeto, ou pedaço de objeto, que tenha a função de evitar esse encontro – de ocultar aquilo que o sujeito já viu, sabe que viu, mas não quer saber – é tomado como um objeto de valor excepcional. Tal objeto – pés, sapato, roupas íntimas, os pêlos pubianos, a barra de uma saia, etc. – poderá funcionar como objeto-fetiche.

Freud irá descrever o mecanismo fetichista de negação da castração em sua especificidade, diferenciando de outros modos. Distingue esse movimento fetichista da escotomização – fenômeno relacionado à demência precoce, no qual a percepção indesejada é completamente apagada – bem como da operação de *Verdrängung*, o recalque, modelo hegemônico da neurose, no qual a representação mental indesejada é recalçada, enquanto o afeto é reprimido, transformado em afeto com qualidades distintas ou convertido em angústia.

No caso do fetichismo, Freud irá utilizar o termo *Verleugnung*. A palavra é

traduzida para o português como desmentido, recusa (da realidade) ou renegação, e refere-se à operação de negação que acontece no fetichismo, a qual é caracterizada por um duplo movimento em que a percepção indesejada é, simultaneamente, aceita e recusada. É importante ressaltar que esta operação de desmentir uma representação mental consiste num processo concomitante de conservação e abandono. O objeto viria, então, substituir o pênis ausente e assim afirmar o que ele nega. Freud irá pensar o problema do fetichismo em termos da crença e de uma contradição encarnada, como ele afirma:

Não é verdade que, depois de a criança ter feito a sua constatação a respeito da ausência do pênis na mulher, ela tenha resgatado intacta sua crença de que as mulheres possuam um falo. Ocorre que a criança ao mesmo tempo manteve essa crença, mas também a abandonou. (Idem, p.163)

Tratando-se de pensar a questão em termos de crenças, a melhor forma de sustentá-las é não as colocando em confronto com o que Freud chama de objeção da realidade, ou seja, o fetiche é colocado como sendo apenas um substituto. Portanto, o sujeito nega a castração por meio de um deslocamento e da criação de um objeto-fetiche, mas ele nega tal negação na medida em que apresenta o fetiche apenas como substituto que não esconderia a ausência daquilo que ele substitui.

Apesar de relacionar esse mecanismo a um tipo específico de pacientes, o texto de 1927 parece trazer alguns indícios de que há algo nesse mecanismo de *Verleugnung* que se refere a uma ocorrência mais ampla, para além dos casos de fetichismo. O que confirma isso é o exemplo que Freud apresenta ao final do texto, sobre dois jovens cujo pai morrera e a análise revelou uma espécie de clivagem: em uma dimensão aceitavam a morte do pai, e na outra renegavam essa morte. Ao descrever esse fato Freud afirma: “comecei então a suspeitar que na infância não são nada raros

fenômenos semelhantes” (p. 164), o que parece revelar certa intuição de que se trata de um mecanismo mais amplo.

Além disso, a questão do fetichismo pressupõe uma operação que Freud apresenta ainda no texto de 1927, mas que irá elaborar em 1938, no texto *A cisão do Eu e os processos de defesa* (a despeito de ser um texto inacabado). Aqui ele irá relacionar esse mecanismo da recusa a uma forma de organização psíquica vinculada ao processo de formação do Eu.

A “cisão do Eu”, descrita em 1938, é o termo utilizado por Freud para explicar a coexistência no Eu de duas atitudes psíquicas em relação à realidade: uma que a reconhece e outra que a recusa colocando em seu lugar uma produção do desejo. Freud irá apontar que a criança, diante do perigo real que gera angústia, realiza uma operação que consiste em, ao mesmo tempo, recusar e reconhecer o que essa experiência lhe causa. Desse modo, diante de um conflito entre as exigências pulsionais do Isso e a objeção vinda da realidade, o Eu acaba por clivar-se. Trata-se aqui, não da clivagem entre instâncias, mas sim, da clivagem que ocorre no interior de uma instância psíquica, o Eu. Neste caso, o Eu se apresenta não como uma unidade rígida, mas como um conjunto clivado constituído como uma formação paradoxal. O fato de se apresentar como um conjunto clivado dá ao Eu a característica de gerir conflitos psíquicos, de forma que a sua unidade não exclua a possibilidade de divisões psíquicas. Esta instância psíquica deve se clivar para assegurar a organização das moções pulsionais e para se impor como tentativa de unidade.

No texto *Esboço de Psicanálise*, de 1938, Freud aponta que o fetichismo não se apresenta como caso excepcional no que concerne à cisão do Eu, mas apenas que a observação e estudo desse tipo clínico lhe foi favorável para melhor compreender a

questão. Além disso, este texto traz a explicação sobre o modo como o Eu da criança se encontra, com bastante frequência, na posição de desviar exigências do mundo externo percebidas como aflitivas e que esse desvio é feito por meio de uma negação das percepções que trazem ao conhecimento essas exigências oriundas da realidade. Esse tipo de negação é frequente na clínica, e que ele define como uma característica da neurose, pois explica:

Negações desse tipo ocorrem com muita frequência e não apenas com fetichistas e, sempre que nos achamos em posição de estudá-las, revelam ser meias-medidas, tentativas incompletas de desligamento da realidade. A negação é sempre suplementada por um reconhecimento: duas atitudes contrárias e independentes sempre surgem e resultam na situação de haver uma divisão do ego. Mais uma vez, o resultado depende de qual das duas pode apoderar-se da maior intensidade.

Os fatos da divisão do ego que acabamos de descrever não são tão novos nem tão estranhos quanto podem a princípio parecer. É, na verdade, uma característica universal da neurose que estejam presentes na vida mental do indivíduo, em relação a algum comportamento particular, duas atitudes diferentes, mutuamente contrárias e independentes uma da outra. (p. 217)

Diante disso, parece que Freud aponta suas reflexões no sentido de que haveria algo desse movimento de recusa ou desmentido que seria característico do processo de clivagem do Eu, e mais especificamente que haveria algo no mecanismo da recusa que remete à constituição psíquica dos indivíduos.

O psicanalista francês Octave Mannoni (1991) defende que nas páginas consagradas à questão do Fetichismo, no texto de 1927, Freud apresenta a problemática da crença por meio do conceito de *Verleugnung*. Portanto, a partir do exemplo do fetichismo – por meio do qual o autor demonstra como o fetichista torna permanente uma espécie de dinâmica infantil à medida que faz coexistir duas posições simultâneas: o reconhecimento e a recusa da castração feminina – Freud revela algo do jogo infantil

no qual uma crença pode ser abandonada e conservada ao mesmo tempo. Uma atitude dividida em face da crença que o autor remete à clivagem do Eu.

Mannoni se utilizará da construção frasal “Eu sei..., mas mesmo assim” para caracterizar um movimento de defesa presente na constituição psíquica do sujeito e que está referenciado ao conceito de *Verleugnung*, conceito que revela um modo de lidar com a questão da crença. Para Mannoni o texto de 1927 não traz uma análise elucidativa da perversão fetichista, mas sim trata de um precedente dessa elucidação. Por meio desse movimento “eu sei..., mas mesmo assim”, o autor irá defender que o conceito de recusa ou desmentido refere-se a algo encontrado com frequência na análise e que não está restrito à perversão.

Cabe aqui uma nota a respeito da relação entre crença e os conceitos de *Verdrängung* (recalque) e *Verleugnung* (recusa). O recalque é o modo como o sujeito repele ou mantém no inconsciente as representações relacionadas às pulsões, havendo assim uma clivagem entre instâncias, na qual o reconhecimento da realidade traumática leva à repressão de seu conteúdo. Já a recusa ou desmentido é um modo de defesa no qual o sujeito recusa-se a reconhecer uma percepção traumatizante, essencialmente aquela relativa à castração da mãe, mas ao mesmo tempo conserva essa percepção. (Laplanche & Pontalis, 2001) Na recusa, diferentemente do recalque, não há que se falar em formação de compromisso, já que a cisão ocorre na mesma instância. Quanto à relação destas com a questão da crença, a principal diferença parece estar no modo como algo se transforma sob os efeitos do recalque, especificamente do desejo inconsciente, mas não há que se falar em crenças nesse caso, mas de um saber que se submete é submetido ao recalque.

Segundo Mannoni, esse movimento “eu sei..., mas mesmo assim” difere-se,

portanto, da negação apresentada por Freud no texto *A Negativa*, de 1925, no qual ele apresenta o exemplo do paciente que relata “O senhor me pergunta quem poderia ser essa pessoa no meu sonho. Não é minha mãe” (p. 147). O que está em jogo aqui é um saber que surge por meio de uma formação do inconsciente, e não pressupõe um “mesmo assim”, como explica o autor:

(...) o “é minha mãe” permanece recalcado, exatamente da maneira pela qual o recalque subsiste após a negação. E, em tal caso, fala-se de saber e não de crença. Ou, se quisermos, não há menos ou mais realidade diretamente em jogo. (p.189)

Esta fórmula traz aspectos fundamentais do modo de relação com a crença e com o saber que se encontra no mecanismo de desmentido fetichista, que diz: “eu sei que a mulher não é castrada, mas mesmo assim posso gozar de uma aparência de não castração, posso, por meio do substituto (objeto-fetice), agir como se não soubesse”. A questão central no caso do fetichismo é que o não-saber não impede o gozo da situação como se ele não soubesse. O fetichismo remete, portanto, à possibilidade de dissociação entre crença e saber, por meio da criação de uma estrutura de organização psíquica dual. No que se refere ao dispositivo existente na dinâmica fetichista, o autor conclui:

O fetichista recusou a experiência que lhe comprova que as mulheres não têm falo, mas não conserva a crença de que elas tenham um, conserva o fetiche *porque* elas não têm nenhum. Não só a experiência não foi apagada, como se torna impossível de apagar, deixa um estigma indelével com o qual o fetichista será para sempre marcado. O que é apagado é a lembrança. (p. 189)

Para o psicanalista francês, o conceito de *Verleugnung* traz um modelo constitutivo de recusa à realidade, como se a recusa do falo materno apresentasse um modelo de primeira recusa da realidade “constituindo, assim, a origem de todas as crenças que sobrevivem ao desmentido da experiência”. (p. 188). Portanto, para esse

autor, haveria um primeiro momento da *Verleugnung*, mais arcaico, da recusa da realidade anatômica e da constituição do falo como mágico. Tal aceção será desenvolvida por Mannoni, a partir desta fórmula do “eu sei..., mas mesmo assim”, que ele diz aparecer nos casos que se apresentam em análise, e que, como num movimento de deslocamento, desvelam algo da crença que subsiste e se reconhece, transformado num sentimento de satisfação. Sobre o modo como os pacientes empregam a fórmula, o autor refere:

(...) um feticista nos emprega tal fórmula, no que concerne à sua perversão: ele sabe perfeitamente que as mulheres não têm falo, mas não pode acrescentar nenhum “mas mesmo assim”, porque para ele o “mas mesmo assim” é o fetiche. O neurótico passa seu tempo a articulá-lo, mas ele tampouco, quanto às questões da existência do falo, pode enunciar que as mulheres o têm mesmo assim: ele passa seu tempo dizendo-o de outra maneira.

Para o autor, os indícios característicos da recusa como dispositivo arcaico surgem da percepção de que o “eu sei..., mas mesmo assim” aparece com frequência nas sessões analíticas. E além de exemplos pessoais, ele faz referência a um caso de Freud, descrito no texto *Psicanálise e Telepatia (1921)*, no qual seu paciente havia escutado de uma adivinha a profecia de que seu cunhado morreria no verão envenenado por lagostas ou ostras. Nessa ocasião, Freud fica assustado com a reação do paciente ao exclamar “ser maravilhoso” o fato de que, ainda que não houvesse dúvidas de que a profecia não havia se realizado, seu cunhado gostava muito de lagostas e ostras. Mannoni comenta que a profecia não atuou evocando o desejo, mas sustentando algo da crença que subsiste e se reconhece nesse “absurdo” sentimento de satisfação. E assim o autor conclui que

A descoberta de Freud é que o desejo age à distância sobre o material consciente e faz com que nele se manifestem as leis do processo primário: a *Verleugnung* (pela qual a crença continua

“após recusa”) se explica pela persistência do desejo e pelas leis do processo primário. (p. 198)

No entanto, para além dos indícios clínicos, Mannoni irá recorrer à etnografia para defender tal concepção. Por meio da análise do livro de Talayesva, *Soleil Hopi*, ele articula os sistemas encantados de crenças e a problemática da crença presente em sua fórmula “eu sei..., mas mesmo assim”. Então, ele descreve as crenças dos índios norte-americanos *Hopi* nas máscaras chamadas *Katcina* (que significa “o que traz a vida”). Os *Katcinas* encarnam em máscaras usadas por adultos em rituais com crianças, nos quais se acredita que eles vêm ao mundo para devorar as crianças desobedientes, mas que, apesar disso, também são capazes de curar doenças. As mães recuperam suas crianças oferecendo pedaços de carne e, em troca, as *Katcinas* oferecem às crianças bolinhas de milho tingidas de vermelho, chamadas *piki*.

No momento da iniciação, que acontece em grandes cerimônias que parecem invocar a castração, ocorre um ritual de desmistificação. Quando as crianças completam 10 anos, os adultos – pais e tios delas – se apresentam em rituais de danças usando as máscaras e, em determinado momento, retiram-nas diante das crianças, revelando que eram eles que se disfarçavam de *Katcinas*. A partir desse momento, estas crianças passam para o grupo dos adultos e se comprometem a guardar segredo em relação aos menores. Assim, a iniciação do jovem no grupo social se dá por uma desmitificação da autoridade e de um reinvestimento dessa. Mannoni apresenta o relato de Talayesva no qual este revela um grande choque, diz ter ficado assustado e furioso diante da visão de seus pais e tios vestidos nas máscaras que ele tanto temia.

A questão central aqui é sobre o reconhecimento da necessidade da ilusão social. As crianças são iludidas de modo a sustentar a crença dos adultos (permitir que

estes possam agir como se desconhecessem a realidade). O que o autor aponta é que esse exercício de desencantamento será a condição para que a crença permaneça deslocada agora para um novo regime de saber, pois a realidade deve ser recusada graças a uma transformação da crença. Nesse momento é dito às crianças que elas agora sabem que as verdadeiras *Katcinas* não vêm aos povoados, mas elas vêm de modo invisível e habitam as máscaras de maneira mística. Então os iniciados *Hopi* podem dizer “eu sei que as *Katcinas*, não são espíritos, são os adultos mascarados, mas mesmo assim, as *Katcinas* estão lá presentes enquanto os adultos dançam mascarados”. Dessa forma, a crença infantil foi desmentida, mas ela continua a existir na forma adulta (ideia da iniciação).

Essa descrição dos povos *Hopi* parece corroborar para a defesa do autor sobre o modo como uma crença é mantida, a despeito da recusa ou do desmentido da realidade. Esse espaço social construído para que os adultos possam agir como se “não soubessem”, aponta para o questionamento sobre a necessidade do adulto de mistificar a criança. Pode-se pensar, por exemplo, nas crenças em papai Noel, na cegonha, um Deus instalado nos céus, etc., que geralmente são sustentadas de modo enfático pelos adultos e isso parece evocar um modo de investir na inocência das crianças por se tratar de uma necessidade pessoal de garantir a existência dessa mistificação, ou seja, depositar na credulidade infantil algo que os ajuda na recusa de suas próprias crenças.

Cintra (2004) irá afirmar que há uma relação entre recusa, domínio de crenças e valores e oscilações de prazer-desprazer associadas às exigências do narcisismo e ao complexo de castração, e que tais dimensões estão articuladas ao conflito com a autoridade dos pais, presentes em todo desenvolvimento normal. Freud, no texto de 1927, ao relatar sobre o caso de jovens que perderam o pai desde criança e

que recusavam a realidade da morte do pai, admite: “Comecei, portanto, a suspeitar que ocorrências semelhantes também devem se fazer presentes, com alguma frequência, na infância, e que me equivoquei em minha caracterização da neurose e da psicose.” Tal afirmação permite supor uma sua intuição de que estava abordando um mecanismo de ocorrência mais ampla, além dos casos de fetichismo e do início das psicoses. Aqui se abre espaço para a reflexão sobre não ser possível lidar com as crenças mais básicas para o narcisismo através do “recalcamento”, mas apenas mediante esse mecanismo de dissociação do Eu, que ele denominou de *Verleugnung*.

Mannoni relata sua tentativa em seguir diversos efeitos de uma *Verleugnung* original. Para ele o que se constitui como primeiro choque com a “descoberta da verdade”, levada a um esquecimento que Freud compara à amnésia traumática, é uma lembrança encobridora, e ainda não um fetiche. O tempo da primeira *Verleugnung*, da recusa da realidade anatômica e da constituição do falo como mágico, é possível de se reconhecer quando se reproduz na fórmula “eu sei, mas mesmo assim”. Por um lado a crença no falo é conservada sob sua forma mística, por outro lado conservada como lembrança encobridora. Já a instauração do fetiche ocorre num segundo momento, no qual se expulsa o problema da crença, pois o fetichista não procura um crédulo, já que, para ele, os outros estão na ignorância e ele os deixa lá, como conclui o autor:

Após a instituição de um fetiche, o domínio da crença é perdido de vista, não se sabe mais em que questão se transformou e dir-se-ia que o objetivo do fetichista é escapar disso. Se, com a *Verleugnung*, todas as pessoas entram num campo de crença, as que chegam a ser fetichistas saem desse campo no que concerne à sua perversão. (p. 208)

Essa questão da posição subjetiva que comparece no dispositivo “eu sei..., mas mesmo assim”, parece ganhar força na medida em que é analisada a partir de outra

perspectiva clínica. Figueiredo (2003) discute a questão do mecanismo de *Verleugnung*, recusa da realidade, como defesa básica da constituição normal do psiquismo, enraizado no atendimento de determinados pacientes os quais ele identifica como dotados de fina capacidade de registrar e armazenar aspectos da realidade externa e interna, mas não conseguem permitir que tais elementos, que se repetem de modo incansável, resultem em decisões e tomada de posição. Assim, os elementos são conservados e retornam à consciência, mas são destituídos de eficácia. O autor irá propor a tradução do termo alemão como *desautorização* para descrever o mecanismo de recusa não de uma dada percepção, mas das percepções que derivam dessa primeira, ou seja,

O que se recusa não é uma dada percepção, mas o que vem ou viria depois dela, seja como outra percepção que a primeira torna possível, uma possibilidade de simbolização, uma conclusão lógica aparentemente necessária ou uma lembrança que a percepção pode reativar. Enfim, a recusa na *Verleugnung* já nos remete a uma dimensão temporal e processual do psiquismo. (p. 60)

O que Figueiredo vai chamar de *desautorização* é esse movimento que impede o caráter transitivo e processual de uma percepção. Assim, a percepção inicial não perde o significado, pelo contrário este é conservado, mas perde sim sua significância, ou seja, a percepção permanece, mas há um esforço de defesa contínuo no sentido de retirar sua autoridade e eficácia. Assim, a despeito da percepção conservar um significado, o fato de não ter significância faz com que seja obstruída a capacidade de promover uma rede de associações e passa a ser preservado como uma “quase-coisa”.

Neste sentido, essa *desautorização* visa o afastamento de percepções, lembranças ou conclusões traumáticas, tendendo a repor infinitas vezes os antecedentes de experiências traumáticas, sem propiciar elaborações advindas delas. Portanto, estes

pacientes, trazem em seu discurso uma sequência de “quase-coisas”, gerando uma quantidade vultuosa de informações sem relação entre si, levando a um estado de confusão na qual muitos deles relatam estar envolvidos.

Figueiredo registra seu reconhecimento da importante dimensão da *Verleugnung* captada por Mannoni na fórmula “eu sei..., mas mesmo assim”, mas agrega mais um aspecto à discussão, qual seja o modo como essas pseudopercepções, ou “quase-coisas”, produzem um saber intenso e hipnótico que acaba por promover certo ofuscamento, como uma “escuridão que é gerada pelo excesso de luz” (p. 70).

Vale salientar que um ponto importante na descrição dos casos apresentados por Figueiredo, que interessa à presente discussão, é a existência de um comprometimento do contato com a realidade, que não resulta, entretanto, em hipóteses diagnósticas de psicose ou perversão. Este autor se filia ao entendimento de que

O criador da psicanálise foi aos poucos reduzindo o alcance do recalque e reconhecendo cada vez mais a incidência profunda da *Verleugnung*, não só em casos de perversão e psicose, mas também nas neuroses, e finalmente em toda e qualquer constituição psíquica (p.73).

As reflexões trazidas por Figueiredo estão inseridas na discussão a respeito dos problemas que se colocam à psicanálise na clínica contemporânea. Pois ele refere que sua análise parte da percepção de que as condições socioculturais contemporâneas tendem a produzir modos de funcionamento mental em que a *Verleugnung* tenha uma presença marcante, gerando movimentos de esperteza, desconfiança, ingenuidade e inexperiência que ele identifica nos pacientes analisados em seu texto.

No entanto, considerando as articulações aqui apresentadas, o que a clínica contemporânea pode apontar no sentido da existência do mecanismo da *Verleugnung* presente em tipos clínicos neuróticos, não parece ser algo novo. Como citado

anteriormente, Freud esclareceu, em 1938, que há algo dessas negações presentes no mecanismo de cisão de Eu que são características da vida mental dos indivíduos.

Nessa perspectiva, buscamos pensar aqui como as elaborações teóricas a respeito do fetichismo, apresentado por Freud em 1927, remetem a algo de um modo novo de pensar a formação do Eu e junto com isso a vinculação desse mecanismo da recusa a uma forma de organização psíquica vinculada ao processo de formação do Eu que seria constitutivo do sujeito. As reflexões de diversos autores sobre a presença desse mecanismo não apenas nos pacientes perversos ou psicóticos, mas também nos neuróticos, ajuda a pensar sobre o modo como um dispositivo inicialmente sintetizado para dar conta de situações patológicas pode revelar traços e características desconhecidas de processos e comportamentos ditos “normais”.

Referências bibliográficas:

- CINTRA, E. M. U. (2004) A questão da crença versus a questão da fé: articulações com a Verleugnung freudiana. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, jun, p. 43-56.
- FIGUEIREDO, L. C. (2003) *Verleugnung*. A desautorização do processo perceptivo. In: *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- FREUD, S. (1914 [1921]) Psicanálise e telepatia. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.XVIII. (Obra original publicada em 1915).
- _____. (1924) A perda da realidade na neurose e na psicose. in: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- _____. (1925) A negativa. in: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- _____. (1927) Fetichismo; in: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- _____. (1938) A cisão do Eu no processo de defesa; in: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- _____. (1938b) Esboço de Psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.XXIII. (Obra original publicada em 1915).
- HANNS, L. A. (1996) *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- LAPLANCHE & PONTALIS (2001) *Vocabulário de psicanálise*. 4º edição. São Paulo: Martins Fontes.
- MANNONI, Octave. (1991) Eu sei, mas mesmo assim.... Em C.S. Katz (org.), *Psicose: uma leitura psicanalítica*. São Paulo: Escuta. p. 183-212.
- PENOT, B. (1992) Figuras da recusa aquém do negativo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- SAFATLE, Vladimir. (2010) *Fetichismo – Colonizar o outro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.